

Pesquisa e Ensino: Componentes Essenciais do Hospital Universitário

Research and Teaching: Essential Components of a University Hospital

Protásio L. da Luz

Instituto do Coração do Hospital das Clínicas – FMUSP – São Paulo, SP

Na recente crise do Instituto do Coração (InCor)/Fundação Zerbini, pouca ênfase se deu ao sistema de pesquisa/educação estabelecido no InCor desde sua fundação, há 30 anos. Quando se discute a questão InCor, emerge com mais clareza a parte assistencial: 80% de atendimentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), procedimentos de alta complexidade e aplicação de técnicas avançadas em praticamente todas as áreas da cardiologia, como imagem, hemodinâmica, arritmias, cirurgias e cardiologia pediátrica. Evidentemente essa parte assistencial é um pilar básico que ajudou a construir o prestígio do InCor.

Por sua vez, a parte acadêmica, composta de ensino e pesquisa, merece ser examinada em maior profundidade. O InCor é responsável pelo ensino de graduação e de pós-graduação. Alunos de terceiro, quarto e sexto anos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) treinam no InCor. A pós-graduação *stricto sensu* tem, atualmente, 165 alunos, tendo sido apresentadas 20 teses em 2006. A Residência do InCor, que hoje conta com 88 residentes, é uma das mais procuradas do País, na proporção de cinco candidatos por vaga. Esses alunos e médicos são formados para atuar em todo o País. Muitos pós-graduandos do InCor são, hoje, chefes de unidades de ensino, chefes de serviços médicos, presidentes de entidades de classe, professores e pesquisadores em muitas escolas brasileiras e também no exterior.

A estrutura de pesquisa profissional, com laboratórios de investigação básica como biologia molecular e investigação clínica em todas as áreas da cardiologia, foi sendo formada ao longo de anos. De fato, antes do InCor, não havia uma estrutura profissional de pesquisa na cardiologia. Quando o InCor foi criado, concomitantemente foram criadas também as divisões cirúrgica, clínica e experimental, dotadas, igualmente, de estruturas administrativas próprias. Esse simples, mas decisivo, fato de política administrativa foi o ponto de partida para a profissionalização da pesquisa, seguida pelo tempo integral e pela carreira de pesquisador. Com o tempo, chegou-se ao que se tem hoje: pesquisadores capacitados, trabalhando em tempo integral, a maioria deles com doutorado e muitos com *post doc* no exterior. Isso gera, a cada ano, grande número de publicações científicas e de apresentações em congressos. Em 2005, por exemplo, foram publicados 213 trabalhos nacionais e 203 internacionais. Assim, o InCor tem contribuído regularmente para o progresso da cardiologia. Várias dessas pesquisas são financiadas por recursos obtidos pelos próprios investigadores em agências financiadoras, como

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ou na indústria farmacêutica.

Isso não seria possível sem a Fundação Zerbini, que suplementa ou paga integralmente seus salários, renovando constantemente seus quadros, mantendo um programa permanente de treinamento no exterior e adquirindo instrumentos necessários à pesquisa. É preciso, aqui, deixar claro que eventuais problemas administrativos, que devem ser sempre rapidamente corrigidos, não invalidam o modelo fundação/hospital universitário que tanto contribui para o desenvolvimento do sistema assistência/ensino/pesquisa que o InCor simboliza.

Freqüentemente, porém, quando se analisa o desempenho do InCor, é comum considerar-se apenas a questão assistencial, ou seja, quanto custa tratar de doentes. Aliás, há um custo estimado relacionado ao cuidado médico, como consultas, cateterismo ou cirurgias, tanto particular como de convênios e SUS. Com base nesses critérios, cuja propriedade não discutirei aqui, hospitais e profissionais são remunerados.

Em contraposição, não temos o custo, mesmo que estimado, da produção científica. Parece que produção científica e ensino nada custam e, portanto, nada valem. Quanto custa um trabalho científico quando é publicado? Quanto custa o desenvolvimento de uma prótese de valva cardíaca? Quanto custa a produção de um ventrículo artificial feito no InCor?

É evidente que o InCor ou qualquer hospital universitário não pode ser avaliado apenas pelo trabalho assistencial, como se fosse um hospital de bairro, que apenas trata de doentes. O hospital universitário, além de cuidados médicos de alto nível, gera novos conhecimentos e instrução, revertidos em benefício da população. Por outro lado, exerce papel fundamental na triagem de equipamentos e nas novas tecnologias desenvolvidas no Primeiro Mundo, e que são utilizados por todo o sistema de saúde do País.

Assim, esse critério de avaliação baseado apenas na assistência médica precisa ser revisto pelos órgãos governamentais quando se discutem orçamentos e destinação de verbas. Uma solução seria considerar os custos da assistência e da pesquisa, com igual prioridade, como inerentes intrinsecamente à natureza do hospital universitário. Deveria ser criada uma estrutura administrativa que permitisse obter financiamentos específicos para pesquisa/desenvolvimento e que pudesse fornecer recursos por meio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, como se o hospital universitário fosse um de seus institutos de pesquisa. Isso permitiria incorporar despesas com pessoal, equipamentos, instalações, manutenção e custeio. A FAPESP, que contribui

Correspondência: Protásio L. da Luz •

InCor • Av. Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, 44 – 05403-000 – São Paulo, SP
E-mail: daluzp@incor.usp.br

Artigo recebido em 19/01/07; aceito em 23/01/07.

de forma significativa para a ciência e para a tecnologia em nosso Estado, financia projetos de pesquisa, mas sua ação é bem específica. Por exemplo, não financia pessoal e infraestrutura, e essa é a contrapartida que se espera da instituição que propõe a pesquisa.

Quem deveria pagar por uma estrutura assim? Primeiro, o próprio Estado, porque é o responsável não só pela saúde dos cidadãos, mas também pelo desenvolvimento tecnológico do País. Igualmente, deve ser responsabilidade da sociedade civil, porque ela é beneficiária direta do desenvolvimento gerado pelo hospital universitário. E aqui entram as fundações de apoio às entidades universitárias. Já que sabidamente o Estado não tem recursos para atender às necessidades do País no que se refere a saúde, pesquisa e desenvolvimento,

a sociedade civil deveria ajudar, e as fundações de apoio são o veículo para se fazer isso.

A sociedade civil tem dado mostras de que é sensível a essas necessidades, até mesmo reconhecendo interesses comuns com as universidades e entidades acadêmicas. As ações conjuntas universidade/empresa e público/privadas são uma tendência positiva de políticas modernas. No que concerne aos hospitais universitários, precisamos de mudança de conceitos e de inovação, que considere sua participação no campo da pesquisa e do ensino. É necessária uma ação coordenada e persistente das entidades universitárias, governamentais e civis para elaborar programas que visem ao desenvolvimento científico/tecnológico, revertendo em benefício da comunidade.